

MICROSCÓPIO

(Especial para o "Correio do Povo")

Muito haveria que respigar em "Medicina que mata", breve mas denso artigo a mim dedicado pelo dr. Joaquim Luiz Osorio. Quase não há nele período, que não requeira contestação. Assim, quando pretende negar que no voto popular se tenham originado os piores despotismos. "O fascismo, o nazismo — diz o articulista — nunca tiveram assento no voto popular. Foram o resultado de golpes de Estado, de opressões, fôrças ou violências eleitorais"

Quanto ao fascismo, tem razão o meu impugnador: foi imposto ao povo italiano, que nunca o aceitou, graças à criminosa condescendencia do rei. Mas o nazismo foi um típico movimento de massas: não há quem possa ignorar que Hitler subiu ao poder levado pelo voto popular e nele se manteve muito tempo com o apoio real de uma esmagadora maioria.

Deixemos, porém, a Alemanha, porque, tratando-se de presidencialismo e eleição directa, a França nos oferece um exemplo mais convincente. "Em 1848 — diz um ilustre publicista — a revolução varreu do poder o rei Luiz Felipe e o ministério Guizot, e organizou em seguida a republica, segundo estes dois principios: todos os poderes emanam do povo; a separação dos poderes é a primeira condição de um governo livre. É o principio adoptado pelos Estados Unidos em 1787, e pelo Brasil um seculo mais tarde. Esse sistema se caracteriza pela onipotencia de um só homem — o presidente da Republica. A 10 de dezembro foi eleito presidente Luiz Napoleão pelo sufragio universal do povo. Não tardou a surgir um conflito entre a assembléia e o presidente. Como, no sistema da separação dos poderes, não há solução para os conflitos, a maquina constitucional estalou: Luiz Napoleão dissolveu a assembléia (1851) e fez-se imperador dos franceses. Com a guerra franco-alemã de 1870, findou o imperio de Luiz Napoleão".

Aí tem o ilustre dr. Joaquim Luiz Osorio uma demonstração extra-americana e, por isto mesmo, mais expressiva, de como o presidencialismo e a eleição directa do presidente da Republica garantem a democracia. No continente americano, é o que todos nós sabemos; e, fora dele, o que acabamos de recordar...

Praia da Cidreira, 19/2/1949.

RAUL PILLA

264.77